

PORQUE NÃO ENTENDEIS A MINHA LINGUAGEM?

O que Jesus disse aos fariseus foi: “Porque não entendeis a minha linguagem? Porque não quereis seguir a minha doutrina” (Jo 8,43). Era verdade. Aceitar a doutrina de Jesus e viver em conformidade implicava renunciar ao caminho que eles mesmos se tinham traçado, mutilando a revelação onde era possível e acomodando-a às suas conveniências mediante hábeis tergiversações onde a mutilação o era, porque se tornava tão descarada que teriam perdido todo o ponto de apoio para conseguir que o povo os seguisse. Queriam uma revelação que confirmasse os seus desejos e aspirações terrenas, mas não estavam dispostos a tolerar uma doutrina que exigisse a sua renúncia a elas. Não queriam entender outra linguagem que a sua própria, nem sequer para a sua própria salvação.

Hoje está a acontecer exactamente o mesmo, e com a mesma hipocrisia. Onde não é possível mutilar a revelação (chamam “interpolações” aos textos que lhes parece poderem suprimir sem excessivo escândalo), mudam a linguagem para a acomodar às “categorias” do homem de hoje, às suas “experiências”, e mediante este simples processo falsificam a revelação para a destruir. Como os judeus de então, também eles dizem: “Duras são estas palavras. Quem poderá suportá-las?” São, obviamente, homens cujo orgulho não admite lei alguma, não feita por eles mesmos. Nem a sujidade pode tolerar a limpeza, nem a castidade é aceitável para o homem (ou a mulher) que vive para o sexo, nem interessa a pobreza a quem adora o dinheiro, nem é suportável uma revelação transcendente a um mundo que só deseja ocupar-se do que ele mesmo criou ou pode controlar.

O impacto que tudo isto causou foi grande, entre outras razões pelo tremendo poder dos meios de difusão, pela habilidade dos propagadores, pela passividade dos que deveriam ter falado em determinados momentos, e também, talvez, pela colaboração dos fiéis pouco instruídos ou demasiado cativados pelo espírito deste mundo.

Cada ciência tem a sua própria linguagem. Se não existem palavras para expressar novos processos ou descobrimentos, inventam-se. Não se pede à Física ou Biologia que modifiquem a sua linguagem para se tornar inteligível à generalidade dos homens: é a estes que se pede uma disposição aberta para aprenderem as verdades científicas mediante a aprendizagem da terminologia adequada. E quando um homem com vocação para o ensino *sabe* bem uma ciência, sempre encontra a linguagem adequada para se fazer compreender. Durante séculos a Igreja soube falar uma linguagem acessível aos sábios e aos humildes, inclusive aos meninos. O fiel povo cristão soube sempre, com a velha linguagem (de experimentada eficácia), a que ater-se no essencial dos mistérios da fé. Sem dúvida que é necessária uma disposição aberta para assimilarmos alguma coisa que ignoramos. O povo, a gente da rua, entendia os ensinamentos que Jesus lhes dava acomodando-se a sua mentalidade, e o que não entendia, acreditava-o. Parte dos fariseus assim entendeu, e acabaram por ser discípulos do Senhor Só os que não estavam dispostos a praticar a sua doutrina não entenderam a sua linguagem, mas a atitude deles era uma atitude hipócrita, como Jesus lhes fez ver. A falha não estava na linguagem, mas na sua obstinação interior de não admitir outra que não fosse a que eles queriam escutar.

Ai tendes como a *incomunicação*, outra das grandes palavras do nosso tempo, pode ser um desses grandes balões, cheios artificialmente, que, se um dia alguém acerta a picar, ficará em simples pelica enrugada e flácida, sem grandeza nem conteúdo. Reconheço que a comunicação entre um que fala e outro que fecha os ouvidos porque não quer escutar o que se lhe diz, sem outra razão (ainda que esta seja suficiente) de que

não lhe agrada, é possível. Mas a culpa não é aqui da linguagem.

Não creio que Hegel seja mais claro nem mais inteligível para o homem de hoje que São Tomás, nem que Heidegger utilize um léxico ou umas categorias mais aptas do que Aristóteles. Também ainda, que *O Capital* esteja mais ao alcance do homem da rua que o *Guia dos Pecadores* de Frei Luís de Granada, mas não oiço nenhuma voz que peça a sua expressão em outras categorias. De resto, não vos peço que acrediteis na minha palavra, mas experimentai vós mesmos: lede umas páginas de Heidegger e de São Tomás e tirai as vossas conclusões.

Pessoalmente não creio que toda esta complicação – que não complexidade – em torno da linguagem e da “expressão” da mensagem evangélica, mais intelectual que pastoral, e mais teórica que eficaz, dê uma ideia sequer mediana de Jesus Cristo, do Evangelho e dos rudimentos da doutrina católica. As verdades que é preciso crer, os mandamentos de Deus que devemos cumprir, o culto que devemos tributar, os sacramentos que se recebem, isso não muda. E repito que o que a Igreja tem de procurar é que essas verdades se dêem a conhecer nas categorias de pensamento que mais fielmente expressem a revelação de Deus aos homens. Que ao mundo de hoje não lhe agrade a linguagem utilizada e prefira outras categorias de pensamento, isso é coisa sua. Também aos fariseus não agradava a linguagem de Jesus, mas Jesus não a alterou para dizer o que eles queriam ouvir. Dá-me a impressão de que o que o mundo de hoje – e os ‘teólogos’ que se erigiram em porta-vozes das suas aspirações – pede à Igreja é uma lavagem de cérebro que elimine as suas pretensões sobrenaturais, abdique da sua origem divina e acomode a Revelação aos sistemas vigentes.

Federico Soarez